

Mulheres agentes de discurso: alguns aspectos das orientações para os significados

Neste aparentemente simples facto de dizer o que digo, a quem digo, como e quando, envolvo necessariamente uma operação de escolha de conteúdo e formas que me permita construir e veicular um significado que assegure um grau razoável de satisfação dos objectivos que me proponho ao falar. Nestes objectivos incluo também uma certa expectativa/previsão do reconhecimento que o outro fará daquilo que digo.

O que faço fundamentalmente nesta operação de escolha (de que nem sempre explícito, para mim própria, os princípios reguladores) é posicionar-me, enquanto agente de discurso, em relação ao que digo e a quem digo.

Todo o texto é, por isso, a forma visível, simultaneamente, da relação que mantenho com o meu interlocutor e da que mantenho com os valores materiais e simbólicos em referência.

Trata-se portanto de negociar, no jogo concreto destas relações, a adequação ou a relevância do que é preciso dizer-se, tendo em conta o que é possível dizer-se.

Em cada situação discursiva, algo se joga para além do respectivo significado único e pontual. Este é, por assim dizer, a resultante precisa e possível de todo um percurso semântico anterior e subjacente que, na situação específica, regula a estruturação da mensagem e, em função desta, selecciona as respectivas formas textuais.

Existem portanto, no meu discurso, relações referenciais privilegiadas, percursos de natureza sociossemântica que orientam os significados do que digo e, de certo modo, regulam e seleccionam as respectivas formas significantes. Nessas relações referenciais privilegiadas incluem-se, naturalmente, as referências que, enquanto locutora, selecciono para mim própria.

«Eu» é uma das formas significantes que indicam a pessoa que enuncia a instância de discurso que contém o pronome *eu*. Neste processo há, como diz Benveniste, uma dupla instância: *eu* enquanto referente e *eu* enquanto referida.

Posso, no entanto, enquanto falante do português, optar por outras formas de referência a mim própria. Posso optar por formas que directa ou indirectamente continuem a indicar-me enquanto a pessoa que enuncia determinada instância de discurso.

O sistema gramatical do português assegura estruturas de significação formal da pessoa que enuncia. O nível sociocultural orienta, em cada agente, a estruturação da significação.

A utilização da desinência verbal da primeira pessoa do singular é a forma significativa suficiente para a expressão da auto-referência em português. Na comunidade linguística portuguesa, tal forma apresenta-se, pois, como a menos marcada socioculturalmente. Ela é a forma homogênea do

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

sistema linguístico que, simultaneamente, constitui a base contrastiva da heterogeneidade do sistema social.

Se toda a acção em referência é semanticamente marcada pela posição que detenho na relação com ela, então posso preferir revelá-la, especificá-la, especializá-la, marcando-me em relação a ela de diferentes modos. Consequentemente, co-referenciar-me como sujeito de discurso e como sujeito de acção, revelando assim os meus diferentes graus de especificação e especialização.

Sou indivíduo e agente único de uma acção específica que me especializa: *eu faço* ou simplesmente *faço* são as formas que significam que a pessoa que no discurso as enuncia se enumera, também, como exclusivo controlador da acção em referência.

Mas posso escolher dizer *fazemos* ou *faz-se* ou mesmo *fazer* ou ainda *uma mulher faz e*, através destes significantes que só indirectamente me referenciam, ser a pessoa que se enuncia na instância de discurso como co-agente da acção de um grupo ou de um conjunto onde, qualitativa ou quantitativamente, se integra e especializa.

Digo *fazemos* por identificação da minha posição e integração no conjunto dos que fazem.

Digo *faz-se* por identificação da capacidade de agir, embora não especifique o conjunto dos actores que realizam a acção nem o grau da minha integração enquanto agente.

Digo *fazer* por referência à acção, como forma potencial ou aspectual do meu posicionamento.

Digo *uma mulher faz* por identificação do conjunto de atributos e características suficientes para especificarem e especializarem o agente e o tipo de acção.

Posso, finalmente, escolher não me dizer e simplesmente retirar do meu discurso qualquer forma significante que me referencie no todo ou em parte.

Tenho na base da minha qualidade de agente de discurso dois tipos de factores que tento controlar: *legitimar* a minha posição de agente de discurso pelo grau de relevância e adequação da minha posição *dentro* do próprio discurso e partir dele para negociar, no processo de interacção, a relação social com o meu interlocutor.

Com que argumentos se poderá partir para a distinção e particularização de um discurso feminino?

Qualquer questionamento neste sentido parece necessitar do estabelecimento das relações que ultrapassem a base exclusivamente linguística. Trabalhos anteriormente realizados no campo linguístico dificilmente mostram uma relação sistemática e directa entre índices linguísticos e sexo. A meu ver, e neste sentido sigo B. Bernstein, é na consideração da divisão social do trabalho — que, no caso português, encerra muitas vezes uma divisão sexual de papéis e posições na produção em geral — que podemos levantar a hipótese de ver, também na produção linguística, a expressão simbólica da diferenciação. Tal diferença, a verificar-se, envolve diferenças nos princípios de classificação e enquadramento dos agentes produtivos.

Uma mulher agente de discurso, tal como um homem agente de discurso, é simultaneamente um falante e um ser social que adquire princípios e valores ao mesmo tempo que adquire os mecanismos de funcionamento da língua que utiliza para comunicar. Um falante é, ainda que tacitamente, um reconhecedor dos contextos e das relações sociais que têm lugar num processo de interacção verbal.

Cada discurso é um acto de produção e, simultaneamente, um meio de reprodução de valores adquiridos.

A questão é, pois, a de saber se as mulheres enquanto agentes de discurso têm princípios reguladores de classificação e enquadramento semelhantes aos dos homens e se detêm, para esses princípios, meios semelhantes de controlo.

A nossa posição é a de que, ao nível da produção discursiva, como na produção mais geral, a hierarquia cria diferenças na distribuição do poder e nos princípios de controlo, diferenças essas que posicionam diferentemente os indivíduos em relação à produção e reprodução de valores materiais e simbólicos. Será pois de esperar que posicionamentos diferentes, com expressão social na diferença de sexos, partam de bases significativas diferentes e se organizem em função delas e a partir delas.

Com base na análise de 1400 respostas obtidas em 100 entrevistas realizadas a igual número de homens e mulheres, procedeu-se, numa primeira instância, à marcação de todas as formas de auto-referência utilizadas pelos falantes do seguinte modo:

1. Formas vazias de auto-referência;
2. Desinência verbal da primeira pessoa do singular;
3. Pronomes da primeira pessoa do singular;
4. Desinência verbal ou pronomes da primeira pessoa do plural;
5. Desinência verbal ou pronomes da terceira pessoa do singular ou do plural;
6. Categoria nominal;
7. Formas de infinitivo e gerúndio.

Observada a distribuição por sexo da percentagem de respostas marcadas pelas formas referidas, verificou-se que, em geral, não havia diferenças significativas na utilização de cada um dos sexos para cada um dos tipos seleccionados, nem dentro de cada um dos sexos se verificava variação significativa de amplitude. Contudo, quando fomos proceder à ordenação dos tipos de formas por cada um dos sexos, verificámos que, no caso do sexo feminino, a forma mais utilizada, isto é, presente num maior número de respostas, era a categoria nominal, enquanto a menos utilizada era a de tipo 5, desinência verbal ou pronome da terceira pessoa do singular ou do plural.

Curiosamente, o sexo masculino apresentava o tipo 5 como o mais utilizado e a categoria nominal como a menos utilizada.

Tentando exemplificar a partir de uma relação de predicação sujeito/acção e utilizando o verbo «fazer», temos, no caso do sexo feminino, um posicionamento do sujeito discursivo a partir da relação do tipo «a mulher faz». No caso do sexo masculino, o posicionamento estabelece-se preferencialmente a partir da relação «faz-se».

Pensamos ser possível ler ambas as relações de posicionamento com base no contraste semântico subjacente à expressão verbal. Encontramos, no caso do sexo feminino, um posicionamento com base em princípios de classificação de natureza cultural com enquadramento numa prática existencial com estreita relação com a base de referência. No sexo masculino, o princípio de classificação é geral, com enquadramento numa prática, por assim dizer, universal, apresentando por isso uma relação indirecta com a base referencial. Seguindo o mesmo raciocínio, parece possível esperar que as mulheres, enquanto agentes discursivos, orientem as suas significações

para a particularização exemplar e vivencial, enquanto os homens orientam a sua significação para a generalização socializada, instituída «historicamente» pela posição que detêm pelo facto de serem homens.

Parece, assim, encontrar-se explicação para uma representação simbólica preferencialmente do tipo metonímico por parte das mulheres, em contraste com uma representação simbólica preferencialmente metafórica por parte dos homens.

Consistindo na substituição de uma palavra por outra com que mantém uma relação de contiguidade, o processo metonímico consiste fundamentalmente num processo de significação por *inferência*. Inferem-se o efeito substituindo-o pela causa («viver do trabalho»), inferem-se sentimentos pela nomeação de partes do corpo («coração por amor»), inferem-se tipos de coisas pelo seu lugar de origem («um bucelas»), inferem-se o todo pela nomeação da parte. No processo metonímico dir-se-ia que «meia palavra basta». Conta-se com o reconhecimento como se entre locutores existisse uma relação de semelhantes, onde as trocas verbais contassem, à partida, com uma partilha de formas e conteúdos tacitamente instituídos e reconhecidos.

O processo metonímico conta com uma base de valores comuns, socializados. O seu sucesso (reconhecimento) na utilização parece depender não só da natureza dos valores, mas também dos mecanismos de aquisição e reprodução a que estão associados (o desejo é metonímico, segundo Lacan); ao resultar da selecção entre relações de contiguidade (associação), a metonímia depende também da manutenção cultural das relações de sentido. Na quebra dessa manutenção, o processo metonímico apresenta-se desconexo.

Vejamos o que se passa com a metáfora. Na base de um processo metafórico existe um significante que substitui a anterior relação significante/significado. Essa substituição assegura simultaneamente a passagem do anterior significante a significado. O novo significado não é assim implicado, mas sim pressuposto. Deste modo, o processo metafórico conta com uma operação de *pressuposição* em que a relação inicial significante/significado é condição necessária, mas não suficiente, para garantir a verdade da metáfora (os sinótomos são metáforas, segundo Lacan).

A metáfora pode, por isso, ser negada ou questionada, que o valor de verdade do significado que pressupõe («substitui») não se altera.

Uma operação de pressuposição assegura, pelo menos aparentemente, conexões entre significantes. No caso da inferência, é a existência de uma relação entre significados que é necessário assegurar. Se esta relação não existir, o discurso metonímico pode parecer absurdo, sem sentido. A metáfora, pelo contrário, produz sempre sentido porque não depende dos valores de verdade do que pressupõe.

Aparece assim mais directa, por um lado, a relação entre metáfora e produção; por outro, a relação entre metonímia e reprodução.

Que esperar, então, da interacção verbal entre homens e mulheres quando, na base das respectivas estruturas significativas, existem mecanismos e percursos semânticos tão diferenciados?

Diria que o que fazem, na maior parte das vezes, não é nem a simples troca de informação nem a constante manutenção das condições de verdade ou sinceridade do que referem. Fazem pedidos, dão ordens, comprometem-se, persuadem, fogem ao assunto, questionam e questionam-se, calam-se e mandam calar, declaram para representar e representam para declarar. Tudo, desde que verbalmente se traduza e, por isso, só indirecta-

mente se revele que a posição de controlo pode passar por estratégias. O poder, esse, continua ligado a quem produz os princípios gerais da ordenação e da importância relativa de todas as coisas.

Gostaria, para terminar, de apresentar alguns gráficos de análise da orientação para o significado de respostas dadas por 50 homens e 50 mulheres às três perguntas que se seguem:

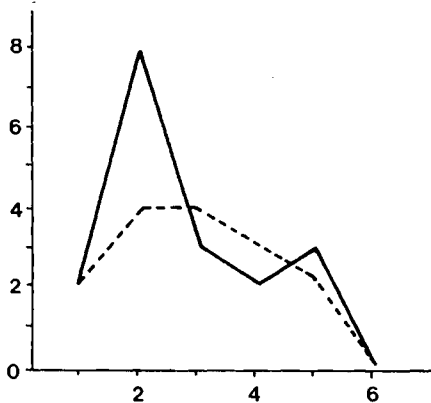
1. Como é que consegue relacionar a sua vida profissional com a sua vida familiar?
2. Se tivesse de utilizar uma fotografia para, de certo modo, exemplificar aquilo que faz no seu local de trabalho, como pensa que poderia ser essa fotografia?
3. Em que situação é capaz de olhar para um retrato seu e dizer: «Cá está um bom retrato meu!»?

Para cada conjunto de respostas foi estabelecida uma grelha de análise constituída por sistemas alternativos de categorias teoricamente seleccionadas que caracterizam percursos de orientação semântica das produções textuais.

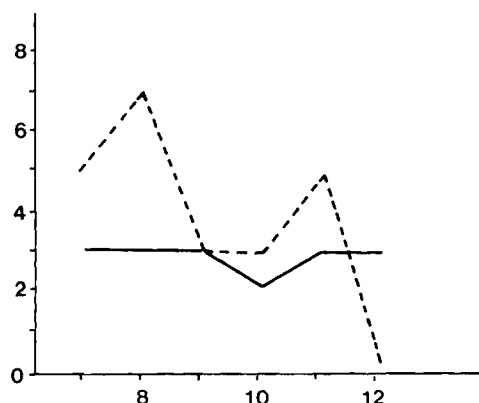
Não iremos aqui proceder à descrição das grelhas, mas apenas observar e comentar os percursos que se revelaram mais privilegiados pelo sexo masculino e pelo sexo feminino.

A pergunta «Como é que consegue relacionar a sua vida profissional com a sua vida familiar?» encontrámos dois tipos fundamentais de orientação para o significado do relacionamento: com problemas e sem problemas.

com problemas



sem problemas



F : ———

M : - - - - -

Nas respostas orientadas pela consideração de existência de problemas verificámos uma certa proximidade entre ambos os sexos, com excepção das respostas no gráfico com o n.º 2. São respostas que classifiquei com

orientação situacional para o significado de um relacionamento com problemas, inter-relacionando espaço-tempo-filhos-trabalhos domésticos, dadas em maior número pelo sexo F.

Uma resposta-tipo é:

Olhe, com muita dificuldade, porque tenho três filhos, não é, mas é uma luta muito grande que(r) (di)zer, é de manhã, vou com o miúdo à escola e depois sigo p(a)r(a) aqui, daqui vou para casa, vou buscá-lo, fazer o jantar e... é com muita, muita dificuldade. É uma canseira muito grande! O que me vale é... tenho horário de turnos e isso às vezes ajuda um bocadinho.

Nas respostas orientadas pela consideração de ausência de problemas é, curiosamente, o sexo M a apresentar maior número de respostas também com *orientação situacional*.

Duas respostas-tipo:

Relaciono bem, porque a... trabalho as horas que a função pública me obriga a trabalhar e fora delas dedico-me à família. Não... não há incompatibilidade entre o trabalho e a vida familiar.

Desligo o interruptor às 6 e volto a ligar o interruptor às 9 da manhã (ri). Pronto e... portanto, pouco há que relacionar nessa altura. São coisas independentes.

Nas respostas do sexo M, *trabalho e família* são categorias tomadas na globalidade e relacionadas como tal. Aliás «dizem-se» aqui relacionadas, mas pouco têm de relação. *Trabalho e família* são, por assim dizer, «ilhas» que não se tocam. O relacionamento aqui evocado consiste apenas na ordenação temporal de categorias descontínuas. No tempo, a vida familiar segue-se ao trabalho. Não aparecem descrições de tarefas particulares nem intercepções de espaços, como na orientação para o significado do relacionamento privilegiado pelo sexo F, onde filhos, tarefas, acções se mantêm interligados, são categorias contínuas dentro de um único tempo (cada dia) e entre dois locais (emprego-casa).

A descontinuidade presente na orientação para os significados no sexo M pode ainda ler-se nas respostas aqui assinaladas pelo n.º 11. São respostas focadas na relação de interacção entre sujeitos (marido/mulher ou pais/filhos) que evocam a interacção, mas situada num dado tempo já passado, já acontecido, garante da solução já obtida para eventuais problemas.

Dou um exemplo:

A... lindamente! Desde o princípio da constituição da minha família, sempre consegui — trabalhava imenso para lhe dar uma ideia dos primeiros três anos da minha empresa, nesta empresa, não fiz isso por sacrifício, fiz isso até por a... quase que por egoísmo — não tive férias e já estava casado e... mas parece-me a mim que consegui educar os meus filhos ou, portanto, estou a conseguir educá-los, e que tenho uma vida familiar estável e sem interferência.

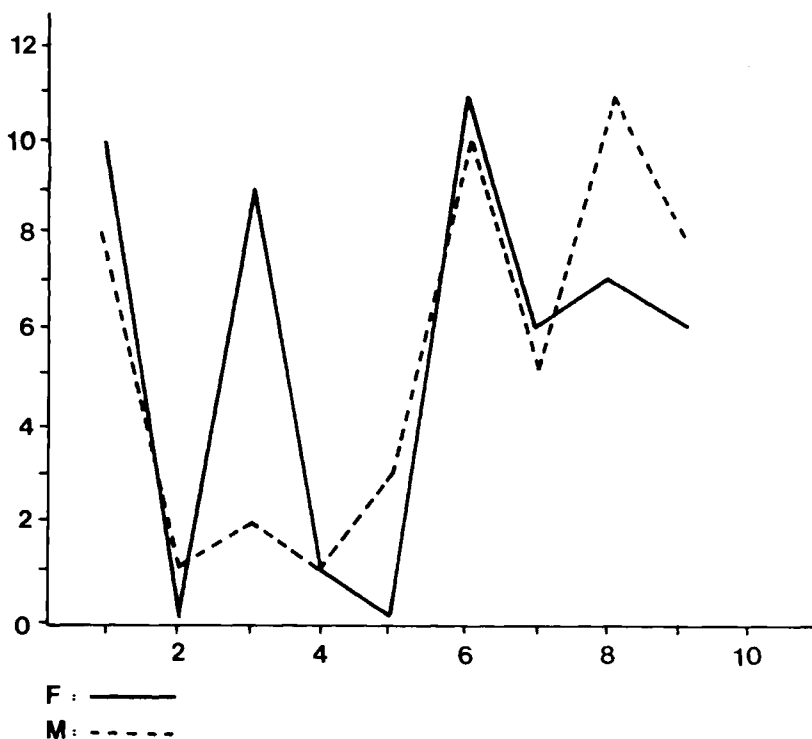
552 Por outro lado, no sexo F, a interacção não aparece ligada a uma solução localizada no tempo (espaço da descontinuidade), mas a um *modo* adqui-

rido de estar (espaço de continuidade), instituído no quotidiano, com destaque para o comportamento do marido e dos filhos:

Eu acho que com um bocadinho de boa vontade pode-se fazer tudo, não é, a... é certo que eu tam(b)ém tenho um marido que me ajuda bastante, portanto ajuda-me bastante, tanto na mesmo até na lida da casa, vá lá, p(a)r(a) assim dizer, não digo que ele faça de tudo, mas a... não tem preconceitos em fazer seja aquilo que for, ele não tem não tem problema nenhum em fazer aquilo que for, dar banho aos filhos a... vesti-los, dar-lhes o comer, da... sei lá, fazer a cama, também faz, e mas é verdade (ri) não é mentira, é verdade s(enhora d)outora, e por isso acho que, quando o marido colabora com a mulher, a vida torna-se portanto mais fácil, não é?

A estreita ligação com o cumprimento de tarefas e a dinâmica da prática revela-se também na forma como um elevado número de mulheres se vê no emprego.

Vejamos o gráfico relativo às respostas à pergunta «Se tivesse que utilizar uma fotografia para, de certo modo, exemplificar aquilo que faz no seu local de trabalho, como pensa que poderia ser essa fotografia?»



No caso das respostas n.º 3 trata-se de respostas maioritariamente dadas pelo sexo F. Focando a heterogeneidade de tarefas, o significado de trabalho dificilmente adquire representação simbólica do tipo icónico, como a pergunta sugeria.

Temos dois exemplos:

Como é que devia ser a fotografia? Sei lá, eu agora... não não te sei explicar bem como é que poderia ser, deixa ver... tinha que se tirar várias fotografias e quase fazer um *puzzle*, porque eu vou p(a)ra aqui, vou p(a)ra ali, como vou p(a)ra acolá, como atendo telefones, como atendo pessoas, como vou fora, portanto tudo isso... seria tudo junto p(a)ra se ver tudo aquilo que eu... o conjunto que eu que eu que eu faço.

Não sei, só vendo, não sei, só vendo! Até o nosso trabalho, até não significa nada, que(r) (di)zer, é só entregar envelopes, daqui p(a)ra ali, dali p(a)ra acolá... é um trabalho até que não se vê nada feito, ao fim do dia, mas que a gente chega ao fim do dia, a senhora sabe isso, a gente chega ao fim do dia com os pés, faz favor, pois de andar de um lado p(a)r(a) o outro, de trás p(a)r(a) a frente...

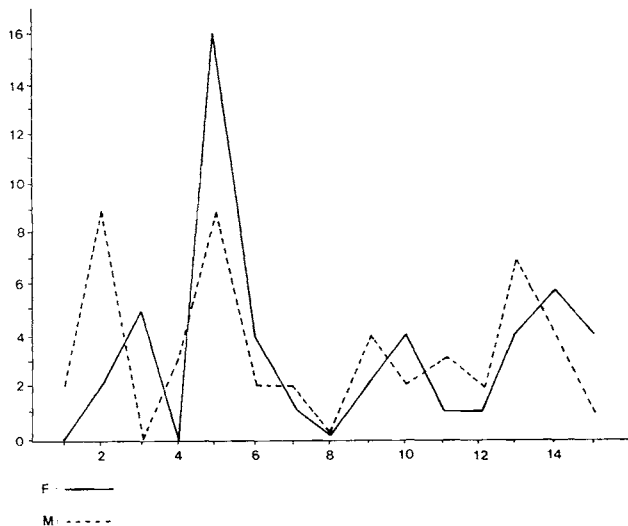
No entanto, e nas respostas marcadas em 8, encontra-se maior representação do sexo M, onde a orientação para a simbolização do trabalho se faz por selecção de situações-tipo ou instrumentos de trabalho como base da representação icónica, estática.

Damos também exemplos:

Devia pôr-me diante de uma secretária... encostado, como habitualmente faço à secretária quando falo, e... com um grupo de alunos à frente, situado à frente da secretária nas suas carteiras, a dar uma aula portanto, não é?

Talvez, talvez de volta do motor eléctrico, é o que se coaduna mais com a nossa especialidade.

Finalmente, temos o gráfico relativo às respostas à pergunta: «Em que situação é capaz de olhar para um retrato seu e dizer: 'Cá está um bom retrato meu'?»



Verificamos uma maior tendência do sexo M para orientar o significado de si próprio a partir da evocação *temporal* (n.º 2):

A... de facto, em toda a minha vida, só um dos retratos meus que vi achei que «de facto isto parece-se comigo»! Só uma vez, a sério, e tinha... é um retrato que eu tinha 15 anos. Em todos os outros a... não é assim que eu me vejo, não é?

Bem, agora não digo, mas na altura que era assim mais jovem era capaz e dizer este aqui sou eu mesmo, não é?

No sexo F, a tendência é para o reconhecimento existencial simples (n.º 5) ou focando a modalidade positiva do sujeito:

Quando estou, quando estou com ar bem disposto, quando não há assim truncagens na, na fotografia, quando se vê exactamente as minhas rugas, mas que simultaneamente não tenho um aspecto desagradável.

Não sei, uma expressão... quando eu esteja completamente distraída sem saber que estou a ser fotografada.

Parece delinear-se, assim, duas gramáticas distintas para a diferença entre os sexos. Duas gramáticas que, ao nível da realização vocabular e frásica, não apresentam, à primeira vista, grande distanciação. É ao nível semântico, da organização lógica do discurso, que em grande parte contrastam.

E eu diria então que, se a orientação para o significado é basicamente gerida por tão diferentes posições do sujeito, então, na maior parte das situações de interacção verbal, o que temos são agentes discursivos utilizando significantes aparentemente comuns para significados invisivelmente diferentes.

E se falamos parecido, mas pensamos diferente, então talvez seja cada vez mais falacioso acreditar que é a falar que se resolvem as coisas.